

**POR UMA LITERATURA DAS AUSÊNCIAS E DAS EMERGÊNCIAS:
AS AFRO-LÉSBICAS NA ESCRITA DE MIRIAM ALVES E ZULA GIBI**

Camila Dias (PPGEL/UNEB/CAPES)

RESUMO

Desde sua gênese, o corpo feminino nunca foi interpretado totalmente como de direito das mulheres, pois sempre foram os homens – médicos, educadores, sociólogos, dentre outros – os responsáveis pela legitimação de uma gama de discursos que pretendiam educá-lo. O que chamo de literatura das ausências e das emergências, configura-se partindo das concepções de Boaventura de Souza, ao teorizar uma sociologia das ausências e das emergências. Assim, o corpus deste trabalho são dois contos – New York e Os olhos verdes de Esmeralda – da escritora Miriam Alves e seu heterônimo Zula Gibi; estabelecendo um diálogo entre as duas escritas, enfatizando em três eixos: corpo, violência e afetos, nas narrativas lesboafetivas. Estas tessituras literárias abrem caminhos para problematizarmos algumas questões do universo ficcional lésbico, desde o silenciamento até o direito de existir destas identidades. Partindo destes pressupostos, trago um plano de análise metodológico, tendo como ponto de partida a experiência da mulher lésbica, das personagens, nas prosas de Miriam Alves e Zula Gibi, discutindo os seguintes pontos: como a afrolésbica ocupa outro lugar de fala ao fugir dos modelos ditos femininos (casar, ser mãe) e não reproduzir os moldes da família patriarcal? Como essas histórias são construídas e de que maneira subverte os paradigmas sociais contemporâneos? Por que as identidades lésbicas são tratadas como segredo nos enredos, questionando e resistindo ao status quo socialmente padronizado?

Palavras-chave: Corpo feminino. Narrativas lesboafetivas. Silenciamento. Direito de existir.

Tecendo os primeiros diálogos

Início este artigo com um fragmento da feminista negra- lésbica, e escritora caribenha-americana, Audre Lorde (1984): “*No silêncio, cada uma de nós desvia o olhar*

de seus próprios medos – medo do desprezo, da censura, do julgamento ou do reconhecimento, do desafio, do aniquilamento. Mas antes de qualquer coisa acredito que tememos a visibilidade, sem a qual não podemos viver, não podemos viver verdadeiramente”.

Parto do conceito de Boaventura de Souza (2004) no artigo *Para uma Sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*, para justificar o que chamo de literatura das ausências e das emergências, a presença das afro-lésbicas, na escrita de Miriam Alves e Zula Gibi. Boaventura designa por sociologia das ausências:

[...] uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzindo como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. [...] O objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças. (2004, p.786)

Estabelecendo fios de diálogo, Giorgio Agamben no texto “O que é contemporâneo”, evidencia que

[...] Já que o presente não é outra coisa senão a parte do não-vivido em todo o vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver. A atenção dirigida a esse não vivido é a vida do contemporâneo. E ser contemporâneo significa nesse sentido, voltar a um presente em que jamais estivemos. (AGAMBEN, 2009, p.70)

Desta maneira, a literatura das ausências e das emergências, partindo dos pressupostos teóricos de Agamben e Souza, é uma escrita investigativa que busca transformar o que tornou-se não existente historicamente, mas que sempre existiu, em presenças que gritam para serem ouvidas, rompendo com dispositivos de poder. “[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está a altura de transformá-lo e de colocar com relação a outros tempos” (AGAMBEN, 2009, p.72)

Com base no recorte analítico, abro espaço para pensarmos nessas representações do tempo ao tratar das mulheres negras e sua sexualidade. Bell hooks (1995) evidencia que o sexismo e o racismo sofridos no séc. XIX pelos nossos ancestrais repercutiram durante muito tempo na representação da mulher negra, ao imprimir uma consciência cultural coletiva, fundamentada na ideia de que a negra está no mundo

somente para servir. O colonialismo como modelo de dominação e exploração imposto, implicou no desenho de uma cartografia global do poder, na concentração mundial de recursos, no racismo e na hierarquização étnico-racial dos povos, e também na hierarquização das relações de gênero – a partir de uma lógica patriarcal – e na afirmação da heteronormatividade.

Segundo Adrienne Rich (1993), as lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Esta ausência historiográfica, se deu com a destruição de registros, memórias e cartas documentando as vivências lesboafetivas. Este procedimento de exclusão histórica foi uma maneira de manter a heterossexualidade compulsória às mulheres. Desde sua gênese, o corpo feminino nunca foi interpretado como direito das mulheres, pois sempre foram os homens – médicos, educadores, sociólogos, dentre outros – os responsáveis pela legitimação de uma gama de discursos que pretendiam educá-los.

Rick Santos em um paper intitulado *Epistemologia lésbica*, diz que “ No campo semântico conceitual da Falocracia, não há uma categoria para mulheres-que-se-identificam-com-mulheres, mulheres que amam mulheres, isto é, a lésbica não existe. Essa posição coloca a lésbica [e alguns homens gays] numa posição curiosa de ser aquilo que não existe”. Zula Gibi (2002) ao tratar das relações lésbicas, na literatura negra, nos diz que: “Poucos que se atreviam a falar da sexualidade humana, ou melhor, a sexualidade entre negros... Eram tratados com invisibilidade, ou com uma assexualidade, à qual o poema não se propunha”.

Estes discursos repercutiram nas personagens negras na literatura brasileira, onde as descendentes escravizadas são utilizadas como temática literária, predominantemente, pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravidão havia coisificado as africanas e sua descendência. No artigo *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*, Eduardo de Assis Duarte (2009) identifica que as imagens da afro-brasileira na ficção e na poesia de inúmeros autores, expressam o exercício da “dóxa patriarcal” herdada dos tempos coloniais em diferentes épocas. Quando falamos nestes discursos de dominação eurocentrado, é o espaço propício para pensarmos no papel do escritor/da escritora contemporâneo/contemporânea, de utilizar deste discurso de aprisionamento do não-vivido, como um lugar, uma possibilidade de ressignificar e recontextualizar determinadas representações estereotipadas em séculos de exclusão. Embora os discursos sejam instâncias de poder, eles não são fechados ou determinados por completo. Como afirma Michel Foucault (2001) o poder e a resistência coexistem.

Ora se há uma literatura que coisifica as mulheres negras, há um outro fazer literário que abarca este sujeito feminino como um grupo com todas as complexidades; vislumbrando saídas ao produzir a dissenção, o novo, a ruptura. “[...] o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (EVARISTO, p.54. 2005)

Os percalços: entre o silêncio e o direito de existir

O corpus deste trabalho são as afro-lésbicas nos contos de Miriam Alves e Zula Gibi. Zula Gibi é um dos heterônimos utilizados por Miriam depois que sofreu uma ameaça de um leitor que após conhecer um dos seus contos lésbicos, queria agredi-lá fisicamente.

- Miriam Aparecida Alves (Miriam Alves): nasceu em São Paulo em 1952. É assistente social e professora. Autora dos livros: *Momentos de Busca* (1983), *Estrelas do dedo* (1984), *Mulher Mat(r)iz* (2011), *Bará – na trilha do vento* (2015), e tem inúmeras publicações nos cadernos negros.
- Zuleika Itargibi Medeiros (Zula Gibi): nasceu em São em 1958. Formou-se em Pedagogia e trabalha como orientadora pedagógica em pré-escola. Suas publicações – de contos e poemas - estão na coletânea *Cadernos Negros* (primeira publicação em 1985).

Neste contexto, estabelecerei uma análise comparativista entre as duas escritoras, apontando suas divergências e semelhanças, demarcando as seguintes categorias: corpo, violência e os afetos, nas narrativas que serão apresentadas.

O conto *New York* (2001) de Zula Gibi é perpassado pelo despertar da sexualidade lésbica, o desejo e o silenciamento. Na trama temos: Carol, Laura, Nat e César. A personagem Carol é uma mulher negra que foi para os Estados Unidos para trabalhar como “baby sitter” de uma família de diplomatas brasileiros, Laura e César. A técnica de narração se dá do momento atual – a memória de um passado vivenciado por Carol... “Nat não lhe saía da cabeça. Era só uma brincadeira e por fim estava ali querendo

se apaixonar. Ponderou que não seria uma situação fácil. Sempre disfarçou sua predileção por mulheres. Teve algumas sigilosas experiências” (GIBI, 2001, p.112).”

O corpo é marcado no texto como um espaço de descoberta sexual entre mulheres-que-se-amam. A morte da mãe de Carol foi o momento do nascimento dos desejos sexuais da protagonista por mulheres. Compadecida de sua dor, Dona Laura (alta, loira, esposa do diplomata, 40 anos) amparou-a com palavras tranquilizadoras, abraços ternos, conduzindo-a até seu quarto.

Aos poucos a sensualidade foi tomando conta. Laura tocou aqueles seios negros jovens dentro da blusa. Tirou-os para fora do agasalho, observou o contraste de sua mão branca contra aquela pele sedosa. [...] entregou-se ao desejo, que tomara de assalto. Desajeitada, atirou-se aos lábios de Laura e beijou-a, terna, sôfrega, urgente. Renderam-se, lavraram-se das roupas. Os corpos misturando-se, a princípio atabalhoados, depois num ritmo sincronizado. [...] exibindo o clitóris, passou a língua sem pressa [...] No grito deixou-se cair no encontro das cobertas em desalinho (GIBI, 2001, p.113-114)

As mãos de Laura percorriam cada palmo daquele corpo jovem. Ouvia-a gemer, suspirar.(...) Nunca havia feito isso, no entanto deixava se levar pelos instintos. A menina entregava-se sem restrições. Com um doce ritmo das nádegas, ofereciase.(...) Estremeceu, quando Laura alisou com a ponta dos dedos a púbis de pêlos encaracolados.(...) Com suavidade os afastou, exibindo o clitóris. Passou a língua sem pressa.(...) No grito deixou-se cair ao encontro das cobertas em desalinho. (GIBI, 2001, p.114)

Depois do gozo, o silêncio toma conta do ambiente. Apesar de virgem, Carol sabia o que significava aquela experiência. Percebendo o que tinha acontecido, a protagonista começa a problematizar o ato, “Percebeu que toda sua vida mudaria, assustou-se. ‘Quais seriam as conseqüências?’, pensou intrigada”. Entretanto, Laura queria continuar, sabendo da ingenuidade da jovem, a mulher foi orientando o sexo, o que pode ser marcado no conto com os verbos utilizados para descrever suas ações: “[...] Laura segurou as mãos de Carol e colocou-as em seus seios, incentivando-a a percorrer lhe as formas. [...] Laura ajudava, colocando suas mãos sobre as dela, encorajando-a ir em frente, seguindo seus impulsos” (p.115).

Percebemos na relação sexual de Carol e Laura uma reinvenção do erotismo padronizado. Faz parte da natureza feminina o erótico, entretanto, os mecanismos de controle da sexualidade tem oprimido durante séculos o corpo da mulher.

Há muitos tipos de poder: os que são utilizáveis e os que não são, os reconhecidos e os desconhecidos. O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual,e

firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer. (LORDE, 2009, p.9)

Assim sendo, há dois pontos que devem ser assinalados: (1) No sistema falocêntrico no qual vivemos, se formos pensar na palavra erotismo, boa parte irá relacionar com o homem, ou seja, o macho tem o poder de conduzir o sexo, afinal ele que tem o pênis e (2) Na relação lésbica as mulheres são encarregadas de despertar seu erotismo, já que historicamente foram ensinadas a desconfiar desse recurso. A baby-sitter sente no ato sexual o corpo erótico aflorar: “Carol percebeu naquele momento que tinha o poder. O de fazer Laura desfalecer. Gostou.” (p.115).

Já no conto *Olhos Verdes de Esmeralda* (2011) – de Miriam Alves – temos o casal Esmeralda e Marina. Nesta narrativa **o corpo** é visto com menos erotismo em comparação ao de Zula Gibi, mas não deixa de ser um corpo subversivo, que transgride os padrões impostos pela cultura heteronormativa,

“Hoje, o desejo de acariciarem-se em público, como todo apaixonado, apoderava-se das duas, ameaçando o segredo e a discrição.[...] Foram ao banheiro e beijaram-se, língua com língua. Afagaram os cabelos. Esmeralda lambia devagar o pescoço de Marina. De repente, deram-se conta do lugar que estavam, não gostavam de agarra-agarra no banheiro. (ALVES, 2011, p. 64).

Ao parar no farol vermelho, Esmeralda[...]dominada pela emoção, envolvida pelo beijo que adoçou seus sentimentos com substâncias afrodisíacas, antes de cambiar a marcha, apertou com carinho a entrecoxa de Marina, que murmurou um ai sensual, apaixonado e entregue. Imaginou-se beijando, apalpando, já no elevador do condomínio da garagem até o oitavo andar, sem riscos de serem surpreendidas. Neste horário, o edifício está silencioso, os condôminos recolhidos, os porteiros dominados pelo sono e as câmeras de vigilância desligadas. (ALVES, 2011, p. 64).

Diferentemente de Zula Gibi, não encontramos a presença do discurso erótico com tanta força, na representação do contato físico-sexual das personagens. Apesar de ser um corpo que rasura os padrões impostos socialmente, ele também é marcado pelo silêncio, elas assumiam suas identidades sexuais em alguns espaços e em outros não (ex. Família). “O próprio corpo é investido pelas relações de poder”. (FOUCAULT, 1987, p.27). Este silêncio pode ser entendido como resultado de uma negação ao direito de existir das lésbicas, por que o racismo atrelado a lesbofobia trabalhou e continua trabalhando para moldar relações e estruturas sociais.

De acordo com as concepções de Audre Lorde (2006), a afirmação do silêncio é um mecanismo de fundamental importância para a manutenção e propagação do racismo, sexismo e da lesbofobia. O silêncio seria um meio de tornar invisíveis as diversas violências, como a racial em suas diferentes formas. Desta maneira, podemos notar o papel do sistema heteronormativo, em que os discursos hegemônicos moldam as identidades sexuais e, propositalmente, acaba incutido na cabeça de muitas mulheres que amar outra pessoa do mesmo sexo é pecado, já que vivemos em uma sociedade que ainda disciplina os corpos a partir de vários constructos de controle social. O silenciamento ocorre muitas vezes por aceitar o discurso social lesbofóbico e, por medo de assumir sua sexualidade e sofrer preconceitos. E ao tratar das lésbicas negras o grau de discriminação é bem superior, a das mulheres brancas, pois entra em jogo a questão racial.

A seguir trago a violência de gênero que perpassa os dois contos, de modo distinto, mas ambos tocam nas discussões em torno do corpo violentado, de algum modo, pelo sistema patriarcal e hegemônico. Em relação à violência de gênero, Sardenberg (2011) comenta:

Por “violência de gênero”, refiro-me a toda e qualquer forma de agressão ou constrangimento físico, moral, psicológico, emocional, institucional, cultural ou patrimonial, que tenha por base a organização social dos sexos e que seja impetrada contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido à sua condição de sexo ou orientação sexual (SARDENBERG, 2011, p. 1).

Trazendo o recorte comparativo da **violência**, em *New York*, encontramos a violência simbólica, no ambiente doméstico. Quando o marido de Laura descobre a traição,

Um dia, César chegou de viagem sem avisar e as flagrou em sua cama, nuas, amando-se. Indignou-se na primeira reação, depois exigiu participação. (...) Não dividiria Carol com ele. Não mesmo! E se insistisse, faria um escândalo. César a ofendeu com palavras duras, preconceituosas. Exigiu que Carol fosse mandada embora. Carol viu-se de novo desamparada. Chorava, Não queria separar-se de Laura. Amava-a, ela era a irmã que nunca tivera, a amiga e mãe que lhe faltara havia três anos. César ameaçava Laura, no entanto não poderia separar-se por sua profissão, que o obrigava a ter uma família feliz: mulher e filhos sorridentes. (GIBI, 2001, p.116-117)

César reproduz a ideia da mulher como um objeto a ser usado pelo masculino. Laura como esposa devia seguir as normas de conduta do papel que lhe cabia socialmente, entre eles ser submissa ao marido, se formos pensar nos modelos da constituição familiar. Nos padrões da família monogâmica há uma relação de hierarquia e de autoridade entre

o homem e a mulher, para Michel Foucault (2012), é uma política: é a relação entre o governo e o governado. Desta maneira, Laura acaba cedendo às ordens do seu marido ao abandonar Carol. “Inconformado com a situação de ter chifres impostos por uma negrinha á toa, César transferiu-se para a Áustria, levando a família” (GIBI, 2001, p.117).

Neste cenário, fica claro que o protagonista não estava apenas revoltado por não fazer parte do ato sexual entre as mulheres, ou por conta da traição, mas também por Carol ser uma mulher negra, uma jovem que “tinha trazido na bagagem para cuidar dos seus filhos por baixo preço”. Dessa forma, para Pierre Bourdieu (1989) a violência simbólica é exercida no/pelo corpo sem coação física, entretanto causa danos morais e psicológicos. Na narrativa, temos dois momentos marcados pela violência simbólica, a obediência de Laura as imposições do marido, impossibilitando a união do casal lésbico; e em segunda instância, o racismo e o preconceito cometido contra Carol. O ocorrido fez com que Carol silenciasse seus desejos lesboafetivos por Nat posteriormente. “Nat não lhe saía da cabeça. Era só uma brincadeira e por fim estava ali querendo se apaixonar. Poderou que não seria uma situação fácil”. E resolve ficar com Gerson.

No conto *Olhos Verdes de Esmeralda*, encontramos a **violência** física e simbólica que acontece quando o casal lésbico é abordado em uma *blitz*

O sargento percebeu o gesto ao cercar-se do carro. Ela recolheu rapidamente a mão, retraindo-se. “Temos dois machos aqui. Hei este aqui está com lentes de contato verdes. Metida a americana, Hein?, falou apertando rudemente o rosto de Esmeralda entre o indicativo e o polegar. [...] (ALVES, 2011, p. 65).

“A carteira?” Esmeralda apresentou os documentos. “Correto. Porque o boyinho acelerou ao ver a gente? Tem culpa no cartório ou tem medo de macho de verdade?”. O tom das palavras ameaçava, prenunciava violência. Ela apressou-se a responder temerosa, afirmando não ter visto a viatura policial, só estava seguindo seu caminho. Mal terminou a frase, o sargento, que esperava um motivo para pegá-las, não tendo, foi assim mesmo. Retirou-a do carro, colocou-a no camburão e, ali mesmo, passou a violentá-la. “Não gosta de homem, não é? Vou fazer você gostar! Nunca conheceu um, não é...? Você vai sentir o que é bom!” Gritava ele, brutalmente. Espancou-a, desfechando golpes no rosto, na altura dos olhos. [...] (ALVES, 2011, p. 65).

A autoridade gritava: “Veja o que um homem faz com uma mulher. Sapata de merda! Chore não, vai chegar sua vez. Não vou gastar tudo com ela não, pode esperar”. Saiu de cima de Esmeralda. Olhando para os policiais que seguravam Marina, ordenou: “Comam também! Depois tem esta aí de sobremesa”. Agora, era a vez de segurar Marina, enquanto Esmeralda, já sem forças, era novamente molestada pelos outros dois. (ALVES, 2011, p. 66).

O estupro, desde a época da escravidão, tem sido uma arma de dominação, uma arma de repressão, tendo como um dos seus objetivos aniquilar o desejo das mulheres de viver livremente sua sexualidade. A narrativa marcada pelo o estupro, parte dos discursos que já ouvimos de alguns políticos “a cura gay”. O estupro é visto pelos policiais como corretivo as práticas lésbicas, demarcando também o corpo da mulher como um corpo disponível ao homem. Esmeralda e Marina representam tantas outras mulheres que tem sido violentada a cada 11 minutos no Brasil, onde ainda vivemos a cultura do estupro, que objetifica o corpo feminino. “Vivemos em uma sociedade patriarcal que considera que nós mulheres somos ou sujeitos de segunda categoria, ou em alguns casos, que não somos sujeitos e podemos ser utilizadas ou destruídas”¹, afirma Izabel Solyszko.

Para finalizar, trago outro recorte comparativo, **os afetos**, o amor e a cumplicidade entre as personagens, em *New York*

Laura ensinava a Carol, os segredos de seu mundo. Carol dava a Laura a oportunidade de conhecer os segredos do amor entre iguais. Conversavam. Riam e liam juntas. Um mundo de encantamento abriu-se para Carol. Antes, Laura reclamava das constantes ausências de César, agora pediam a Deus que ele se afastasse o maior tempo possível. (GIBI, 2001, p.116)

Em *Olhos Verdes de Esmeralda*,

Ao final do primeiro ano de vida em comum, a amizade evolui para um amor irresistível, inseparável e secreto. Quem se declarou? Ninguém sabe, foi um ir acontecendo e pronto. [...] o amor ultrapassou os tempos de estudantes. (ALVES, 2011, p. 63)

Tanto em Miriam Alves como em Zula Gibi, vemos a amizade, a relação amorosa como um ingrediente narrativo. Um lugar onde os afetos são correlatos de uma vivência conflituosa, movida por silêncios, por violências simbólicas e físicas, ao mesmo tempo é um espaço de luta, um espaço que investe em uma escrita preta feminina que “falam de si, por si e por nós”. Narrativas compromissadas em revelar o universo lésbico, denunciando os preconceitos sociais que geram o silenciamento destas identidades sexuais; ao mesmo tempo em que utilizam da linguagem como ação de interferir de

¹ Retirado do artigo publicado na Revista Galileu, intitulado *6 coisas que você precisa entender sobre a cultura do estupro*. Disponível em: < <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/06/6-coisas-que-voce-precisa-entender-sobre-cultura-do-estupro.html>>. Acesso em: 07. Ago.2016

alguma maneira no contexto social. Da mesma maneira que utilizaram do texto literário para marginalizar, inferiorizar, calar os sujeitos femininos pretos, as narrativas lesboafetivas vêm para causar uma ruptura histórica com as produções literárias que circulam no Brasil, a maioria delas heterossexuais. As prosas criadas por Alves e Gibi são uma arma de guerra, de denúncia, uma arma transgressora que permite interferir e reescrever tantas outras identidades que constitui a mulher preta.

Encerro com as palavras de Audre Lorde (1984) Podemos aprender a trabalhar e a falar apesar do medo, da mesma maneira que aprendemos a trabalhar e a falar apesar de cansadas. Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper²

Referências

AGABEM, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapéco, SC: Argos, 2009.

ALVES, Miriam. *Brasil Afro Autorrevelado – literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

_____. *Empunhando bandeira: diálogo de poeta*. In: SANTOS, Rick, GARCIA, Wilton (orgs.). *A escrita de Adé – perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Nassau CommunityCollege; ABEH, Xamã, 2002. p.153-161.

_____. *Os olhos verdes de Esmeralda*. In: *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. (2009). *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Terra Rocha e outras terras. *Revista de Estudos literários*. Vol. 17-A, p. 6-13.

² LORDE, Audre. *Textos escolhidos de Audre Lorde*. Trad. Heréticas edições Lesbosfeministas independentes. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>. Acesso em: 07 de set.2016.

dez. Disponível em:

http://www.uel.br/pos/letras/terroroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Aa.pdf. Acesso em: 21 de mar.2014

EVARISTO, Conceição. *Literatura e educação segundo uma perspectiva afro-brasileira*. In: *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana* / Org. Denise Almeida, Conceição Evaristo – Frederico Wesphalen: URI, 2011.

_____. *Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira*. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p. 52-54.

GIBI, Zula. New York. In: : *Cadernos Negros, 24: contos afro-brasileiros*. Orgs. Esmeralda Ribeiro, Marcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2001.

HOOKS, B. *Intelectuais Negras*. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2 , 1995, p.454-478.

LORDE, Audre. *Textos escolhidos de Audre Lorde*. Trad. Hereticas edições Lesbosfeministas independentes. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/171382/AUDRE%20LORDE%20COLETANEA-bklt.pdf>. Acesso em: 07 de set.2016.

RICH, Adrienne. *A heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Revista Bagoas, Rio Grande do Norte: UFRN – CCHLA, n. 5, p. 17-44, 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/>>. Acesso em: 02 set. 2016.

SANTOS, Rick. *Desessencializando queerness à procura de um corpo (textual) queer inclusivo*. In: SANTOS, Rick, GARCIA, Wilton (orgs.). *A escrita de Adé – perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil*. São Paulo: Nassau CommunityCollege; ABEH, Xamã, 2002. p.153-16

SARDENBERG, C. M. B. *A violência simbólica de gênero e a lei “antibaixaria” na Bahia*. OBSERVE: NEIM/UFBA, 2011

SARDENBERG, C. M. B.; MACEDO M. S. *Relações de gênero: uma breve introdução ao tema*. In: Costa, A. A. A.; Rodrigues, A. T.; Vanin, I. M (orgs.). *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. Salvador: NEIM/UFBA, 2011. p.33-48.

SANTOS, Boaventura de S. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. In: SANTOS, B.S. (org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Cortez Editora, 777-821, 2004